

**1996- A Museologia Informal, Boletim da Associação Portuguesa de Museologia, nº 3, APOM, Lisboa.**

## **Museologia Informal**

### **Mário C. Moutinho**

Por mais elementar que seja a atenção que se preste ao panorama da Museologia contemporânea em Portugal dever-se á reconhecer o seu carácter multifacetado, onde se cruzam conceitos, atitudes, e objectivos que traduzem não só orientações gerais da museologia, mas o papel e o lugar que os diferentes actores dos mais variados processos, pretendem ocupar na sociedade na afirmação do direito partilhado a uma plena cidadania.

As diferentes formas de museologia desenvolvidas por todo o país em particular depois do 25 de Abril permitem afirmar que paralelamente aos museus de Estado, vieram à luz do dia centenas de processos museológicos por iniciativa do movimento associativo cultural e ecológico e do poder autárquico reforçado.

São dezenas de milhar de pessoas que de formas diferentes e mais ou menos elaboradas ou teorizadas, encontraram na museologia o meio privilegiado de expressão sobre questões de tantos patrimónios - histórico, arquitectónico, linguístico, arqueológico ou antropológico num contexto de valorização e identificação das especificidades e competências locais.

Trata-se sem dúvida de processos museológicos, permanentes ou intermitentes, criativos ou reprodutores de modelos, conservadores ou participantes no desenvolvimento das comunidades que lhes dão vida.

Trata-se de uma museologia no essencial pobre, sem recursos financeiros e saberes sofisticados e que tantas vezes também é marcada por ideologias e paradigmas desfasados.

Mas trata-se também, de uma museologia que exprime a cultura do nosso tempo, a cultura das misturas, expressão de uma sociedade em mudança.

Estes museus e processos museológicos são em nosso entender a expressão profunda da museologia contemporânea em Portugal.

E, neste sentido esta museologia do quotidiano revela-se ser também uma componente essencial da própria mudança.

Não é assim um fenómeno de ruptura ou marginal, mas pelo contrário é fruto e semente de uma sociedade mais democrática, de um associativismo mais livre, de um municipalismo mais consciente de um novo modelo de desenvolvimento que favoriza a descentralização e consequente valorização dos recursos locais -humanos e naturais.

Não ser uma museologia da ruptura ou marginal não significa que se estructure e se fundamente à imagem da museologia tradicional e urbana. Pelo contrário esta NOVA MUSEOLOGIA que resulta das novas condições de produção do discurso museológico e que por isso integra o saber museológico acumulado ao longo de gerações, demonstra nas suas diversas formas uma consciência mais clara da ideia de participação e provoca uma implicação social mais evidente.

Estamos pois a falar de uma museologia informal que se enquadra no conceito mais amplo de MUSEOLOGIA SOCIAL o qual traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.

Este esforço de adequação, que alias se estende a muitos outros países, foi sintetizado pelo Director Geral da Unesco, Frederic Mayor, na abertura da XV Conferência Geral do ICOM da seguinte forma: *o fenómeno mais geral do desenvolvimento da consciência cultural - quer se trate da emancipação do interesse do grande público pela cultura como resultado do alargamento dos tempos de lazer, quer se trate da crescente tomada de consciência cultural como reacção às ameaças inerentes à aceleração das transformações sociais, tem no plano das instituições, encontrado um acolhimento largamente favorável nos museus.*

*Esta evolução é evidentemente, tanto, qualitativa como quantitativa. A instituição distante, aristocrática, olimpiana, obcecada em apropriar-se dos objectos para fins taxonómicos, tem cada vez mais - e alguns disso se inquietam - dado lugar a uma entidade aberta sobre o meio, consciente da sua relação orgânica com o seu próprio contexto*

*social. A revolução museológica do nosso tempo - que se manifesta pela aparição de museus comunitários, museus 'sans murs', ecomuseus, museus itinerantes ou museus que exploram as possibilidades aparentemente infinitas da comunicação moderna - tem as suas raízes nesta nova tomada de consciência orgânica e filosófica".*

Este processo anunciava-se já na Declaração de Santiago (1972 UNESCO/ICOM) onde se considerava também: *Que o museu é uma instituição ao serviço da sociedade da qual é parte integrante e que possui em si os elementos que lhe permitirem participar na formação da consciência das comunidades que serve; que o museu pode contribuir para levar essas comunidades a agir, situando a sua actividade no quadro histórico que permite esclarecer os problemas actuais, ... Que esta nova concepção não implica que se acabe com os museus actuais nem que se renuncie aos museus especializados mas que pelo contrário esta nova concepção permitirá aos museus de se desenvolver e evoluir de maneira mais racional e mais lógica a fim de se melhor servir a sociedade.*

Estas preocupações que foram renovadas no certamente mais importante documento sobre a museologia contemporânea que é a declaração de Caracas de 1992 deixam-nos a certeza de que devemos considerar a museologia informal ou a museologia social como um elemento fundamental para poder pensar a museologia e os novos rumos da museologia para Portugal.

Não nos podemos mais contentar com a eventual modernização dos museus tradicionais, pretendida na maior parte das vezes através da criação de uma medíocre loja quase sem nada para vender, ou com as mega exposições de objectos raros com orçamentos que insultam o mais elementar bom senso e seriedade.

Julgamos que a urgência esta antes de mais na abertura do museu ao meio no estudo da sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida factos que têm provocado a necessidade de elaborar e esclarecer novas relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo.

O alargamento da noção de património, é a consequente redefinição de "objecto museológico", a ideia de participação da comunidade na definição e gestão das práticas museológicas, a museologia como factor de desenvolvimento, as questões de interdisciplinaridade, a utilização das "novas tecnologias" de informação e a museografia como meio autónomo de comunicação, são exemplo das questões decorrentes das práticas museológicas contemporâneas e fazem parte de uma crescente bibliografia especializada.

Relembrando mais uma vez a Declaração de Santiago onde se lia *Que a transformação das actividades do museu exige a mudança progressiva da mentalidade dos conservadores e dos responsáveis dos museus assim como das estruturas das quais eles dependem*" devemos admitir a necessidade de formar novos profissionais de museus a partir das novas condições de produção do discurso museológico.

E neste campo é sem dúvida na museologia informal que encontramos a inovação a mudança e certamente os novos caminhos.

O maior desafio do ensino da museologia em Portugal não é o de ensinar aquilo que consta dos manuais de museologia mas sim dotar os futuros museólogos de meios que lhes permitam situar-se e agir num contexto de mudança social que percorre todos os aspectos da sociedade contemporânea.

"Expor é ou deveria ser, trabalhar contra a ignorância, especialmente contra a forma mais refractária da ignorância: a ideia pré-concebida, o preconceito, o estereótipo cultural. Expor é tomar e calcular o risco de desorientar - no sentido etimológico: (perder a orientação), perturbar a harmonia, o evidente, e o consenso, constitutivo do lugar comum ( do banal). No entanto também é certo que uma exposição que procuraria deliberadamente escandalizar traria, por uma perversão inversa o mesmo resultado obscurantista que a luxúria pseudo - cultural. ... **entre a demagogia e a provocação, trata-se de encontrar o itinerário subtil da comunicação visual.** Apesar de uma via intermédia não ser muito estimulante: como dizia Gaston Bachelard, todos os caminhos levam a Roma menos os caminhos do compromisso."(1) 1-Michel Thévoz, *Esthétique et/ou anesthésie museographique, Objets Prétextes, Objects Manipulées*, Neufchatel, 1984, p. 167.

A exposição que se limita apenas a mostrar , sem questionar, cada vez mais se inscreve numa espécie de arqueologia de um pensamento museológico arcaico.

Não se lida mais nos museus apenas com objectos mas sim e sobretudo com ideias. Colocamos aqui a questão de saber onde começa e acaba a função de conservador e igualmente começa e acaba a função de museólogo.

Esta mudança de atitudes foi aliás referida por Hugues de Varine no relatório de síntese da XVI Conferencia Geral do ICOM " Das reuniões dos comités internacionais tornou-se claro que existe uma forte corrente voltada para a abertura e para a inovação...levando profissionais dos museus a agir de forma não-tradicional e a aceitarem ser

influenciados por conceitos multiculturais. A cooperação interdisciplinar que está emergindo no seio do ICOM, as pontes construídas entre várias disciplinas e projectos, e grupos como o MINOM são indicações deste espírito de abertura".

Reconhecer isto, é no fundo aceitar que no mundo contemporâneo há um novo espaço de intervenção condicionado antes de mais pela postura e implicação social de cada um de nós.

Uma espécie de interdisciplinaridade da postura bem mais complexa que a sempre pretendida e mal amada interdisciplinaridade do saber.

Se existe um novo desafio na museologia, em nosso entender, ele não diz respeito no essencial ao feitiço que esta tem, mas sobretudo ao lugar que nela queremos ocupar e sobretudo a possibilidade de aprofundar e enfim reconhecer que a postura dos actores é que determina o sentido do trabalho que fazemos.

Tanto mais que não podemos controlar nem sequer condicionar o efeito final da nossa intervenção, que na verdade acaba por ser longínquo, perverso tantas vezes e alheio às intenções primeiras.

Na cultura do imediato que determina as nossas submissões, que raramente reconhecemos e que poucas vezes rejeitamos, esquecemo-nos que o tempo introduz de certa forma novas condicionantes, que nos escapam, transformando o rumo procurado, irremediavelmente.

O que está na verdade ao nosso alcance não é mais que a possibilidade de escolher o princípio do rumo que queremos dar à nossa acção.

Se assim for, podemos mais facilmente relativizar os sucessos e insucessos, duvidar das avaliações de curto prazo e recomeçar cada dia conscientemente uma nova história, um novo museu.

Continuaremos e cada vez mais a falar de museologia informal. Continuaremos e cada vez mais a falar de museologia social.